Baleia na Rede ISSN – 1808 -8473
Revista online do Grupo Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura

FAMÍLIA E FAMÍLIAS EM *CIDADE DE DEUS*

Estevão Marcos Armada FIRMINO[1]
Rogério Leonardo OFFERNI[2]

Resumo: Este texto pretende abordar questões referentes à temática da família dentro do universo humano e social do romance *Cidade de Deus*. Sem a intenção de realizar análise sociológica aprofundada, nem um inventário completo do assunto, procuramos levantar considerações que apontem para mudanças, questionamentos e características da família e das famílias segundo esta narrativa que põe em foco a população periférica.

Palavras-chave: Família; narrativa; violência; narrativa; romancebrasileiro.

Neste artigo pretende-se apontar algumas observações a respeito do assunto família no universo humano e social do romance *Cidade de Deus*. Tarefa tão atraente quanto complexa: pululam as várias facetas de família coexistentes no romance, convivendo numa intrincada rede de relações com o cotidiano materialmente pobre, mas repleto de acontecimentos e detalhes humanos, num lugar de construção de sociabilidade eclética, caótica e relativamente recente. Não se trata, aqui, de uma análise sociológica aprofundada, nem mesmo de, sob o signo do inventário, esgotar todas as formas de família existentes na grandiosa ficção, o que nos soaria demasiado pretensioso. Da impossibilidade de conseguir trazer à tona todas as questões relacionadas à família, destarte, optamos por levantar algumas considerações, tentando apontar mudanças, permanências, indagações ou características da família na vida social das inúmeras personagens de *Cidade de Deus*.

As famílias em *Cidade de Deus* revelam a variedade de formas societais familiares possíveis. No Rio de Janeiro da narrativa, tais relações têm o viés não de escolha, mas de acomodação possível, de convivência forçada, já que teria sido a única opção da maioria dos moradores após as enchentes de 1966. Os contrastes entre famílias minimamente organizadas e famílias com problemas sociais de miséria e desagregação estão abundantemente presentes no romance. O crime, obviamente, também determina sensivelmente a estrutura ou a ausência dela no espectro familiar desenhado pelo livro de Paulo Lins.

A família é uma instituição que possui várias formas e modelos que variam com o decorrer do tempo. Sua importância é fundamental na socialização do indivíduo e na criação

[1] Graduando em Ciências Sociais na FFC/UNESP – Campus de Marília, membro do grupo de estudos e pesquisa em literatura e cinema. Desenvolve pesquisa sobre o Grupo Teatral *Os Satyros*.
[2] Graduando em Ciências Sociais na FFC/UNESP – Campus de Marília, membro do grupo de estudos e pesquisa em literatura e cinema.

de referenciais que o guiarão pela sua vida. Mas, é interessante lembrar também que mesmo sendo possuidora de aspectos positivos, a família propicia situações de conflito entre seus integrantes (PRADO, 1991) e estes abundam na maioria dos lares ficcionais de Cidade de Deus.

A busca pela família ideal

Cabeleira aparece nos primeiros tempos da formação do conjunto habitacional sendo um dos pioneiros da criminalidade local. Desde pequeno freqüentava as rodas de bandidos e se interessava pelas histórias contadas por eles. Já na infância almejava obter um "berro" e "ganhar a boa". A descrição da maturidade de Cabeleira, já reconhecido como bandido de renome em Cidade de Deus, acompanha a ocupação do conjunto pelas primeiras famílias. Identificamos aqui uma alternância de dois tipos familiares, que se caracterizam por uma oposição. Num primeiro momento nos deparamos com a predominância de um modelo familiar que não atende às expectativas da família nuclear burguesa idealizada, formada por pai, mãe e filhos, que é a forma mais conhecida e convencional de família. Ao contrário, a descrição da família de Cabeleira, logo no início do livro, mostra uma não fidelidade aos papéis construídos socialmente e, geralmente, determinantes das condutas masculina e feminina:

> Cabeleira nada falou. Alguma coisa o fez lembrar-se de sua família: o pai, aquele merda, vivia embriagado nas ladeiras do morro do São Carlos; a mãe era puta da zona e o irmão, viado. A mãe piranha até que passava, era conhecida por sua personalidade forte, não levava desaforo para casa, tinha palavra e era respeitada no Estácio. O pai também não era o seu maior problema, porque, quando sóbrio, as crianças não riscavam seu rosto de giz, não lhe roubavam os sapatos, e, apesar disso tudo, ele era bom de briga e ritmista da escola de samba. Mas o irmão, era muita sacanagem. Ter um irmão viado foi uma grande desgraça em sua vida (LINS, 1997, p. 25).
>
> Não aceitava que seu irmão passasse batom, vestisse roupas de mulher, usasse perucas e sapatos de saltos altos. Lembrou-se também daquela safadeza do incêndio, quando aqueles homens chegaram com saco de estopa ensopado de querosene botando fogo nos barracos, dando tiro para todos os lados sem quê nem porquê. Fora nesse dia que sua vovó rezadeira, a velha Benedita, morrera queimada. Já não podia sair da cama por causa daquela doença que a obrigara a viver deitada (LINS, 1997, p. 25).

Notamos que Cabeleira não apresenta um núcleo familiar que atenda às expectativas do referencial "burguês" predominantemente almejado – moradia adequada situação financeira estável, emprego formal, escola, enfim, certa previsibilidade. Seu pai é alcoólatra, fato que inviabiliza uma preocupação dele em suprir as demandas financeiras do lar. O que se espera do gênero masculino apresentado pelo modelo nuclear é o quadro no qual o pai trabalha para colocar dinheiro em casa e a mãe administra as questões domésticas. A mãe era prostituta, atividade econômica social e moralmente não valorizada, mas tinha o respeito do filho e mostrava-se atenta ao tratar das questões financeiras.

Logo após descrever a família de Cabeleira, a narrativa conta que ele se lembra do período em que foi morar na casa da patroa de sua tia, devido ao incêndio do barraco em que morava. É nítida a comparação da família da patroa de sua tia com o seu próprio núcleo familiar. O contraste se torna evidente ao se deparar com uma casa provida de telefone, privada, carro, geladeira e boa comida. Também leva em consideração que naquele lugar não há alguém com aparência de "viado" como seu irmão.

> Tia Carmem trabalhava no mesmo emprego havia anos. Cabeleira ficou morando com a irmã da mãe até o pai construir outro barraco no morro. Ficava entre o tanque e a pia o tempo todo e foi dali que viu pela porta entreaberta, o homem do televisor dizer que o incêndio fora acidental. Sentiu vontade de matar toda aquela gente branca, que tinha telefone, carro, geladeira, comia boa comida, não morava em barraco sem água e sem privada. Além disso, nenhum dos homens daquela casa tinha cara de viado como o Ari. Pensou em levar tudo da brancalhada, até o televisor mentiroso e o liquidificador colorido (LINS, 1997, p. 26).

Apesar de ter sua família desagregada e contando quase somente com vínculos biológicos de parentesco, o bicho-solto sente-se obrigado a angariar o máximo de dinheiro possível quando toma conhecimento de que seu pai está doente, sua mãe cansada e ambos necessitam de ajuda financeira para mudarem-se para Cidade de Deus. Quando Ari, o irmão "viado", vai até Cabeleira buscar o dinheiro solicitado pelos pais recebe a ordem de não se aproximar muito das imediações do conjunto para não humilhar o "bicho solto" e não atrapalhar a sua moral de bandido respeitado. Mesmo com este desacordo, a narrativa deixa entrever algum sinal de afeto, sutil, no áspero relacionamento entre os dois:

> Um silêncio significador de abraço ou aperto de mão se fez soberano entre os dois até Cabeleria mandá-lo embora:
> - Aí, não marca pros homi, não! Vai na fé! (LINS, 1997, p. 52).

O próprio relacionamento de Cabeleira com Berenice tende à formação familiar nuclear, com a intenção, da parte dela, de que ele saia da vida do crime. Ela própria, vinda de família favelada de nove irmãos, ladra desde tenra idade, com os pais falecidos e o primeiro companheiro, assaltante assassinado por um justiceiro, tem como ideal a rotina familiar de um lar tradicional e tranqüilo, praticamente em formato que se pode chamar de idealmente nuclear: "Queria ter filhos, montar uma família, arrumar sua casa e ter um homem ao seu lado" (LINS, 1997, p. 73).

> Cabeleira deu dinheiro para Berenice comprar as coisas que faltavam para se juntarem de vez. A mulher passou a semana pedindo ao marido para dar um tempo com essa vida de crimes. Ele ainda não era fichado, podia muito bem arrumar um emprego. Queria segurança e paz para poder criar os filhos que teria com ele numa boa (LINS, 1997, p. 97).

No decorrer do livro há vários exemplos dessa oposição entre situações familiares. Contudo, podemos deduzir que a organização familiar associa-se a uma situação positiva e é almejada pelos indivíduos. Mesmo que o cotidiano apresente alguns obstáculos à realização dessa formação familiar ideal, ela ainda se mostra mais atrativa. Um exemplo é a existência de um clube dentro do conjunto habitacional, onde ocorria o acontecimento social de maior relevância para os habitantes na época, o baile dos sábados. Apesar da importância do evento para os bandidos, "maconheiros" e "rapaziada do conceito", a maioria dos moradores não freqüentava o lugar por não verem com bons olhos o que acontecia por lá. A confirmação da força do aspecto familiar é vista no desejo do presidente do clube, que numa conversa com a polícia mostra o interesse em transformar aquele local: "Quero fazer deste lugar um lugar de respeito, um lugar de família" (LINS, 1997, p. 39). Fica clara a associação da organização familiar com uma situação respeitosa. Vemos assim a intensa permanência da aspiração a um modelo familiar considerado padrão, e até mesmo visto como representação social recomendável para uma instituição, o clube, associar a sua imagem.

Da estrutura familiar, quem bastante aparece na história são as mães, avós e irmãos, tristemente debruçados sobre os cadáveres de parentes ensangüentados e despedaçados. As balas perdidas, tanto dos bandidos como da polícia, passam a abundar e a dar a ótica da tragédia social local a certa altura do romance. Tanto criminosos quanto adultos inocentes e crianças passam a cair, "estrebuchando" a agonia da morte precoce, inclusive na primeira infância, quebrando a previsibilidade e continuidade familiar, o que macula a rotina da vida de pais e parentes.

Outros exemplos que podemos citar de desestruturação do núcleo familiar são encontrados nas figuras de Pará e Pelé. O primeiro, garoto pernambucano que teve o pai assassinado pelo coronelismo político do Nordeste e a mãe tragada por um bueiro no Rio após a migração, sobreviveu à miséria e às doenças na infância, esmolou, morou na rua e trabalhou em todo tipo de biscates para sobreviver, até se instalar em Cidade de Deus. Pelé, filho não reconhecido pelo pai e criado somente pela mãe expulsa de casa e do emprego quando grávida – e que por isso acaba se prostituindo – também se torna ladrão desde criança.

Já Alicate, parceiro de crime de Cabeleira, havia sido pára-quedista do Exército e servente de pedreiro eventual, e, apesar de ter família e ser o caçula de seis irmãos, havia caído no crime para não passar necessidade na própria casa, de quem escondia a atividade ilícita. Mas o que pretende mesmo, como várias vezes se verbaliza ao longo romance, inclusive por outros bichos-soltos, é "estourar a boa", ou seja, conseguir grande soma de dinheiro no crime para comprar uma chácara no interior, criar galinhas e viver familiarmente com Cleide, sua companheira. Tal reflexão é feita após escapar de uma perseguição policial. Acabam por converter-se a uma seita cristã pentecostal e abraçando estilo de vida e de família bastante conservadores.

> Queria ver Cleide para dizer que queria ir embora dali para nunca mais. Era um bom pedreiro, conseguiria emprego em qualquer hora que pintasse. Queria a paz, ter um filho e ser feliz com sua mulher. Não, não era medo o que sentia, nunca fora covarde; fora somente precavido (LINS, 1997, p. 152).

O pensamento de Alicate ilustra o aspecto dicotômico que buscamos mostrar, em trazer situações concretas de núcleos familiares contrastando com o modelo nuclear padrão tão propagado no imaginário social do romance. Identificamos que apesar dos obstáculos vividos pelos personagens, os mesmos buscam a possibilidade de viver uma situação ideal de família.

As tentativas de família

Bené, personagem que assume um posto de liderança na vida do crime em Cidade de Deus com seu parceiro Zé Pequeno, não alcança o posto por meio dos assaltos, mas através do tráfico de drogas que se mostra mais vantajoso e passa a se expandir. Nesse cenário,

encontramos a entrada das atividades criminosas como parte da tentativa de manutenção do lar e, por conseguinte, da organização familiar.

E temos também a tentativa de sustentar a constituição de família em situações de certa complexidade. Uma primeira situação que chama a atenção é o caso da travesti Soninha e seu companheiro Pouca Sombra. Ela é a mantenedora do lar e além de suprir as demandas financeiras também se preocupa em realizar as tarefas domésticas. O diferencial aqui é a condição sexual de Soninha, que antes de tornar-se mulher foi Ari, o irmão de Cabeleira, alvo de muito preconceito por parte do famoso assaltante dos primeiros tempos de Cidade de Deus. Soninha cumpria com esmero a função de manutenção do lar, como podemos ver adiante.

> Mas, quando se apaixonou de verdade, Soninha foi de um homem só, sustentava muito bem Pouca Sombra, dava-lhe presentes caros para mantê-lo ao seu lado, além de ser carinhosa, compreensiva e boa dona-de-casa (LINS, 1997, p. 246).

Mesmo com o rearranjo das categorias dos gêneros masculino e feminino, e Soninha sobrecarregando-se com funções sociais atribuídas ao homem e à mulher, a relação não era aceita normalmente por Pouca Sombra, nem por seus amigos ou inimigos. Ressalta-se que dentre as descrições do livro acerca de acontecimentos relativos à esfera familiar, tratar dessa relação insere-se efetivamente na discussão sobre família, uma vez que os dois viveram juntos por um período significativo, um ano e nove meses. Mais, a própria Soninha, nomeava de casamento a relação vivida com o parceiro e já contabilizava um casamento anterior em sua vida. Apesar do esforço de Soninha, a relação não teve êxito, e a tentativa de vivenciar uma vida conjugal não se consolidou devido ao julgamento negativo da opinião social contrária à vida do casal:

> Mas não houve jeito de levar adiante aquele casamento, que no início fora tão secreto, mas aos poucos caiu na boca do povo. Ficou difícil mantê-lo com tantas pessoas na favela olhando-o de banda, cutucando-se à sua presença, jogando piadinhas, os próprios amigos a quem ele confiara o segredo fazendo brincadeiras perniciosas (LINS, 1997, p. 247).

Entretanto, Soninha reencontra a realização do desejo de um lar ao lado de Dr. Guimarães, gerente de banco que acaba por abandonar esposa, filhos e casa para reconstruir tal tipo de acomodação familiar com ela. O ponto síntese desse direcionamento a um modelo de família tido como mais tradicional é a adoção, por Soninha, de um bebê, filho de uma

amiga presa. Isso após Guimarães comprar-lhe uma casa e proibi-la de sair vestida chamativamente, características construídas socialmente como do papel masculino de provedor, em imitação ou aproximação a uma relação tida como moralmente e socialmente aceitável, mesmo em se tratando de relação entre um travesti e um homossexual, considerada anômala por parte da maioria dos moradores-personagens do romance, ainda que aceita por parte da outra parcela dos sujeitos desenhados pela narrativa.

Vale observar algumas particularidades em relação às regras morais e visão de mundo destas classes populares descritas em Cidade de Deus em relação à idéia corrente da posição de gênero dentro da estrutura da família, no que toca ao relacionamento afetivo e à divisão social de papéis e tarefas. A fala de duas vizinhas que trocam agressões físicas por uma ter espalhado confissões domésticas sobre a outra é bastante reveladora:

> - Sua piranha rampeira, em vez de ficar falando da vida dos outros, por que não vai arrumar um caralho para encher a buceta?
> - Piranha é você, sua filha-da-puta. Passa fome mermo, apanha do marido, que não tem nem disposição pra te sustentar, e, mermo se tivesse, sustentar uma mulher feia que nem tu, acho que nenhum homem tá a fim. Sua galinha de macumba, suco do Capeta, passa fome mermo! (LINS, 1997, p. 73).

Pelo diálogo, vê-se que mulher que não tem marido é tida como incompetente para tal, e inferiorizada, existindo, ainda, o preconceito sobre a noção vulgarizada de beleza física; e, ainda, que o papel do homem nesta relação é, a priori, sustentar a casa. Cite-se, ainda, que a violência doméstica, tristemente corrente, transparece abundantemente nas histórias familiares de Cidade de Deus.

Em outra cena bárbara de violência aos olhos do leitor, temos um morador em crise familiar esquartejando vivo um bebê que poderia ser seu filho; desconfiava da fidelidade da esposa a quem destinara muita atenção e cuidados:

> Nunca lhe diria, mas a amava feito um cachorro, no entanto o ódio tomara a mesma proporção. Era agora um cão doente.
> - Por quê? Por quê?- perguntava-se.
> Ele a pegara caidinha no sereno. Montara-lhe uma casa, comprara-lhe roupas, mandara-a ao salão para dar um molho naquela carapinha maltratada e a bruta foi meter com outro homem (LINS, 1997, p. 80).

Somado à traição, o preconceito: sendo ele e a companheira negros, e o bebê branco, pressupunha ele que o pai da criança era um homem branco, ou mesmo um "paraíba", corporificando-se a dupla traição para ele. O machismo exacerbado desdobra-se violentamente no ato contra um bebê inocente como vingança à suposta adúltera, sendo

assim verbalizado: “As mulheres têm que sofrer todas as mazelas da humanidade quando fodem com outro homem. Aquela filha-da-puta tinha que pagar caro” (LINS, 1997, p. 80). O sentimento de posse aflora ao imaginá-la com outro homem (“a marca do orgulho ferido de um cabra-macho”), ademais, branco. O traço de machismo cruento no universo familiar e, pode-se dizer, de um patriarcalismo residual violento, aparece também logo em seguida no livro, quando um homem decepa com uma foice a cabeça do amante de sua esposa e a entrega à adúltera.

Retomando a outra proposta de mostrar as tentativas de manutenção do núcleo familiar, agora priorizando a esfera econômica que se mantém através de furtos e assaltos, temos como exemplo inicial as mulheres do “pisa”. Eram amigas de Soninha que por meio do serviço de uma costureira saíam com uma calcinha com um fundo preso nas pernas que possibilitava esconder produtos furtados do mercado. Revezavam-se na atividade do saque aos mercados e conseguiam alcançar um padrão de vida mais adequado para suas famílias. O objetivo do golpe era proporcionar melhorias na vida familiar, e uma espécie de saída da situação miserável em que se encontravam. Nostálgica era uma dessas mulheres que se mostrava cansada da vida de desprezo, falta de dinheiro e excesso de trabalho:

> Queria dinheiro para dar uma vida digna aos filhos, coisa que trabalhando não conseguiria, e por isso a cada final de mês, assim como as demais, fazia de trinta a quarenta investidas nos mercados, sempre alcançando resultado positivo. Tiveram dinheiro para médico, dentista, alimentação e para o material escolar dos filhos (LINS, 1997, p. 252).

Fernanda, por outro lado, só deixaria de se prostituir se seu companheiro Cunha deixasse o tráfico de drogas e arrumasse um serviço decente: não se incomodaria de passar necessidades se vivesse uma vida tranqüila. Apesar do ciúme profundo nutrido por Cunha da atividade de sua companheira, vemos um tipo de ligação familiar peculiar, onde ambos aceitam e convivem relativamente bem com a atividade “irregular” do outro cônjuge. A convivência relativamente tranqüila da forma família com atividades econômicas ilícitas é comum no universo periférico retratado por Paulo Lins. A vemos no caso do casal Bené e Mosca, e no de Nego Velho, assaltante e morador da favela, que também apresenta como motivo de seus assaltos a intenção em ajudar no pagamento da aposentadoria de sua mãe, e também para comer bem. Lembra do seu pai que voltava embriagado para casa sem o dinheiro do pagamento, e a necessidade em ter de trabalhar desde os cinco anos.

Em outros casos, a própria mãe força o filho a conseguir dinheiro de qualquer maneira para auxiliar na economia doméstica, como no caso do menino que foi morto por

Pequeno depois de roubar um ônibus da favela. Era ordem dos chefes do tráfico que não houvesse assaltos que causassem dano aos moradores de Cidade de Deus. O garoto, por sofrer pressão de sua mãe para arrumar dinheiro, não hesitou em desrespeitar as regras do local, o que acarretou sua morte.

> Vemos com clareza nas descrições acima a dificuldade de sobrevivência das famílias pobres, moradoras de Cidade de Deus. As adversidades acabam favorecendo a ocorrência de atividades ilícitas, realizadas com o intuito de se complementar a renda familiar. A carência econômica liga-se inseparavelmente àausência de condições estruturantes para o desenvolvimento humano pleno, o que pode influenciar na possibilidade de criação de filhos da maneira "adequada" socialmente, segundo os padrões aceitos pela classe média. O aspecto de ausência de controle e vigilância dos filhos, concernente à proteção e socialização das crianças, dentro do quadro da necessidade econômicade trabalhar da mãe ou mesmo dos pais, é questão comum tanto no romance quanto contemporaneamente. Sem dúvida, é fato que influencia e por vezes determina a dinâmica da estrutura de família, mormente nas famílias pobres do romance de Paulo Lins.

A família em crise

Analisando a crise nos valores familiares, cabe também nos debruçar sobre o aspecto da violência enquanto principal desagregadora da estrutura de famílias, inseridas na terceira parte do romance onde se descreve a guerra entre Pequeno e Galinha. Violência, a esta altura, já exacerbadamente gratuita e destrutiva. Tal crise é ilustrada na fala de Sandro Cenoura, aliado de Galinha, incentivando Cebion a matar seu próprio irmão, de 10 anos, que se associou à quadrilha de Pequeno. "– É teu irmão, mas é alemão, cumpádi! Sabe qualé? Não tem essa de família, não! Tem que passar! – Disse Cenoura a Cebion, de apenas treze anos" (LINS, 1997, p.530).

> Alexander foi morto por seu irmão, Cebion, com três tiros. A vida do crime que antes era mais propícia "àqueles indivíduos menos favorecidos econômicae socialmente", segundo a percepção corrente no imaginário de grande parte dos personagens da ficção, agora não selecionava mais ninguém, sendo que qualquer um podia adentrar na criminalidade:
>
> > Antigamente, comentavam pasmados os moradores, somente os miseráveis, compelidos por seus infortúnios, se tornavam bandidos. Agora estava tudo diferente, até os mais providos da favela, os jovens estudantes de famílias estáveis, cujos pais eram bem empregados, não bebiam, não espancavam suas esposas, não tinham nenhum comprometimento com a criminalidade, caíram no fascínio da guerra (LINS, 1997, p. 470).

A guerra já era feita pelos motivos mais diversos, não tendo mais importância a causa inicial, que foi a violação do seio familiar de Mané Galinha por parte de Pequeno. Havia agora outro problema, os laços familiares rompidos pela guerra viraram motivo para a

manutenção da própria. A entrada de novos integrantes nas duas quadrilhas em conflito se dava pelo objetivo de vingança por motivos principalmente familiares.

> Os irmãos de Cabelo Calmo engrossaram a quadrilha da Treze, assim como os irmãos menores de Galinha engrossaram a sua quadrilha. Irmãos, primos, tios e toda sorte de parentes, e também os amigos dos quadrilheiros, entravam para essa ou aquela quadrilha porque se sentiam na obrigação de vingar o estupro, o assalto, o roubo ou qualquer outra ofensa e para isso tornavam-se soldados (LINS, 1997, p. 469).

É interessante notar, também, o peso do vínculo familiar na vida das personagens em guerra. O filho de Cabeleira é impelido pela mãe a praticar crimes. Berenice, mulher de Cabeleira, cobra do filho uma postura próxima à do pai. O destino do filho de Cabeleira é selado por esse vínculo familiar: ele morre assassinado por Parazinho, cujo pai fora morto por Cabeleira.

O paradoxo da situação da família nesta parte do romance pode ser identificado na medida em que os vínculos familiares fomentam motivos para a arregimentação de novos integrantes ao combate, como também é da família que surgem tentativas de se por fim à guerra. Após a polícia matar duas crianças confundindo-as com bandidos enquanto brincavam num matagal, os moradores decidem organizar uma manifestação com o intuito de chamar a atenção para o problema da violência em Cidade de Deus. Havia também aqueles que recorriam à imprensa, assim como os pais que mandavam os filhos para casa de parentes, ou mudavam do local.

Com a acomodação e a convivência forçada que os personagens passam na instalação em Cidade de Deus inicia-se o aspecto familiar na narrativa, que passa pelos conflitos pessoais e pressões sociais de quem não se encaixava no modelo tradicional, que, apesar de minoritário, sobrevive em meio a inúmeros outros arranjos sócio-familiares.

Verbalizam vários personagens, incluídos aí travestis, prostitutas e bandidos, sintomáticos desejos de se adequarem à ordem moldada e esperada: a previsibilidade e orgulho da classe média branca com o seu poder de compra. Aqueles personagens que não vivem relações familiares no sentido considerado clássico pelo senso comum sofrem com os olhares mais conservadores, portadores de estranhamento e preconceito de outros sujeitos que coexistem no enredo.

As relações afetivas revelam estabilidades algumas vezes tortuosamente alcançadas, como também desagregação e sofrimento, quando não a própria impossibilidade de existência de um núcleo que poderíamos chamar de familiar. Tais relações de afeto variam

conforme o tempo e as circunstâncias sócio-históricas, tendo, na última parte do romance, a violência como o dínamo que as agregam e desagregam ininterruptamente, surgindo novos rearranjos nem sempre possíveis de superação.

FAMILY AND FAMILIES IN *CIDADE DE DEUS*

Abstract: This text wants to address issues related to the theme of the family within the human and social universe experienced by the characters of the novel *Cidade de Deus*. Without the intention to do a detailed sociological analysis, or a completed inventory of the issue, we try to raise some considerations, that point to changes and lead to questions about the characteristics of the family (ies) in the narrative

Key-words: Family and narrative; violence and narrative; Brazilian romance.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de et al (orgs.) *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: Cortez, 2005.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PRADO, Danda. *O que é Família*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a Revolta – As Organizações Populares e o Significado da Pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Artigo produzido a partir dos seminários sobre *Cidade de Deus* realizado durante o primeiro semestre de 2008 junto ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Cinema e Literatura